

As mulheres negras e o amor: considerações sobre o amor em *Solitária* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

*Black women and love:
considerations about love in Solitária and Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

Submetido em: 11/09/2024
Aceito em: 24/12/2024

Celiomar Porfírio Ramos¹

Resumo: Este artigo tem a finalidade de realizar algumas reflexões acerca da literatura que aqui denominamos de afro-feminina, com o intuito de debater sobre o amor romântico como uma possibilidade para as mulheres negras. O *corpus* de análise deste texto é o romance *Solitária* (2017), de Eliane Alves da Cruz e o conto “Isaltina Campo Belo”, presente na antologia *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. O objetivo é evidenciar que tais narrativas caminham na contramão da literatura dita hegemônica que, de forma sistemática, persistiu e, por vezes ainda insiste, em representar as mulheres negras marcadas por estereótipos, furtando-as, portanto, que elas possam ser retratadas na literatura como dignas de serem amadas. Estamos diante de um estudo de cunho bibliográfico, que teve como o aporte teórico e crítico as contribuições dadas pelas seguintes autoras e autores: González (1984), hooks (2021), Souza (2011; 2018), Santiago (2010), Duarte (2008), entre outros.

Palavras-chave: literatura afro-feminina; Amor; contranarrativa; mulheres negras

Abstract: This article aims to carry out some reflections on the literature that we here call Afro-feminine, with the aim of debating romantic love as a possibility for black women. The corpus of analysis of this text is the novel *Solitária* (2017), by Eliane Alves da Cruz and the short story “Isaltina Campo Belo”, present in the anthology *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), by Conceição Evaristo. The objective is to highlight that such narratives go against the so-called hegemonic literature that, systematically, persisted and, at times, still insists, on representing black women marked by stereotypes, therefore preventing them from being portrayed in literature as worthy of being loved. We are facing a bibliographical study, which had as its theoretical and critical contribution the contributions made by the following authors: González (1984), hooks (2021), Souza (2011; 2018), Santiago (2010), Duarte (2008), among others.

Keywords: Afro-feminine literature; Love; counter-narrative; black women

Introdução

A fim de evidenciar no romance *Solitária* (2017), de Eliane Alves da Cruz, e no conto “Isaltina Campo Belo”, presente na antologia *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, as mulheres negras como dignas de serem amadas, contrapondo, portanto, a literatura hegemônica, estruturamos o artigo da seguinte forma: num primeiro momento apresentamos uma discussão a respeito da expressão “literatura afro-feminina”, evidenciando as características que delineiam a literatura em

¹ Doutor em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Realiza estágio de Pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás no Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: celiomar.ramos@ufmt.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8734803201063388>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5039-0893>

questão. Ressaltamos que a terminologia mencionada foi proposta e debatida por Ana Rita Santiago em *Da literatura negra à literatura afro-feminina* (2010).

Já a segunda parte busca demonstrar que uma parcela da produção literária das mulheres negras na contemporaneidade, principalmente aquelas que dialogam com a vertente que compreendemos como literatura afro-feminina, têm elaborado narrativas que representam mulheres negras que, apesar de serem marcadas por violências, vislumbram a possibilidade de vivenciar a experiência do amor romântico.

Interessa-nos olhar para os textos literários afro-femininos e buscar contemplá-los amplamente, ainda que esse seja um trabalho um tanto árduo, pois, muitas vezes, nós, pesquisadores dessa literatura, voltamos nossa atenção quase que exclusivamente às violências presentes e denunciadas em tais produções. Conforme é possível evidenciar quando lemos Eliane Alves da Cruz e Conceição Evaristo, entre outras vozes que têm se feito presente na produção afro-feminina contemporânea, as violências praticadas contra as mulheres negras é uma temática recorrente. Todavia, esses textos literários trazem outras questões. Contudo, é preciso olhar com acuidade para enxergá-las.

Diante do exposto, comprometidos em considerar as violências presentes nas narrativas afro-femininas e adotar um olhar que enxergue outros elementos, propomos a falar sobre o amor romântico, especialmente, sobre a possibilidade de as mulheres negras o vivenciarem.

Sobre a escrita afro-feminina

Eduardo de Assis Duarte em *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção* (2008), compreende que estamos tratando de um termo em construção. Ademais, enumera alguns elementos que caracterizam a literatura afro-brasileira: (1) a temática; (2) a autoria; (3) o ponto de vista; (4) a linguagem; (5) o público. Considerando que a produção literária de mulheres negras dialoga com tais características, podemos concluir, então, que elas podem estar inseridas no rol da literatura afro-brasileira.

Não pretendemos generalizar, pois como evidenciou o estudioso, há “afro-descendentes, [que] não reivindicam para si essa condição, nem a incluem em seu projeto literário” (Duarte, 2008, p. 15). Isto posto, torna-se coerente assinalar que há uma parcela considerável de escritoras negras que num momento ou outro dialoga com as características mencionadas.

Apesar disso, as mulheres negras, pelo menos parte delas, ao escreverem apresentam um ponto vista marcado não só pela condição racial, mas pela de gênero. Portanto, suas produções têm elementos característicos da literatura afro-brasileira, todavia extrapolam o conceito à medida que incorporam na escrita outros aspectos que são determinantes na caracterização dos textos.

Com o intuito de reconhecer que há particularidades na produção das autoras negras brasileiras, a pesquisadora Ana Rita Santiago propõe uma discussão acerca da expressão “literatura afro-feminina” no texto *Da literatura negra à literatura afro-feminina* (2010), numa tentativa de construir “um teto todo seu”² às mulheres negras.

Antes de realizarmos as considerações acerca da expressão “literatura afro-feminina”, tendo como base a pesquisadora mencionada, é preciso registrar a importância de um termo que acolha a escrita de mulheres negras. Por um lado, alguns estudiosos podem sinalizar que se trata, apenas, de mais uma nomenclatura dentre tantas. Ao invés disso, enveredarmos por outro caminho, aquele que acredita na importância da adoção de nome e sobrenome na literatura, sobretudo, no que diz respeito às literaturas menores³.

Consoante ao exposto, Livia Maria Natália de Souza Santos em *Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina* (2011), explica que se deve reconhecer as diferenças e rasurar a concepção de literatura sem sobrenome, uma vez que:

Com isto interessa dizer que sim, a literatura tem sobrenomes, e são muitos: homoafetiva, feminina, negra, periférica, oral. Cada um deles engendra um campo de diferenças constantemente silenciadas e caminham na contramão, pela afirmação da diferença e negação da identidade unívoca uma vez que ela corresponde àquele que se pensa como o neutro, o apaziguador, o não-marcado que, ao fim e ao cabo, nada mais é que uma simulação de presença pura, igual a si mesmo que só admite ladear-se de outros objetos narcisicamente interiorizados, literaturas sem marcas, sem sobrenomes, mas com nomes próprios potentes o suficiente para solapar qualquer diferença (Santos, 2011, p. 111).

Com base no exposto, compreendemos que há uma tentativa de apagamento dos marcadores sociais das diferenças na construção literária, ou seja, o apagamento

² Aqui fazemos referência ao texto de Virginia Woolf cujo título é *Um teto todo seu*, publicado em meados de 1929.

³ Aqui fazemos referência as considerações de Guattari e Deleuze no texto *Kafka: por uma literatura menor* (2018).

das “categorias como raça, geração, local de origem, gênero e sexo, e outros elementos que têm a capacidade de produzir diversas formas de hierarquia e subordinação” (Schwarcz, 2019, p. 144), em prol de uma literatura “sem sobrenome”. Acreditamos que tal posicionamento visa, na realidade, escamotear a manutenção de sistemas opressores. Não podemos esquecer, de modo algum, a pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2005) sobre quem são os que detiveram e, ainda hoje, detêm a pena: homens brancos cisheterossexuais oriundos das classes mais favorecidas da sociedade.

Ter uma literatura com nome e sobrenome, literatura afro-feminina, é uma das formas de abrir fissuras, permitindo, então, elaborar estratégias para se mostrar presente e audível, num sistema comprometido em apagar as diferenças e silenciar as vozes dissidentes (Ramos, 2022). Isto posto, vamos discutir sobre o que podemos compreender, a partir de Ana Rita Santiago, como literatura afro-feminina. Segundo a estudiosa, a

[...] literatura afro-feminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem, como se apresentam neste texto, para (des)silenciar as suas vozes autorais e para, pela escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas (Silva, 2010, p. 92).

A expressão discutida por Silva chama a atenção por pensar a literatura de autoria feminina negra. Cabem, porém, alguns apontamentos acerca dos elementos que constituem essa literatura, especialmente algumas problemáticas sobre a conceituação do termo. Talvez a que se faça mais evidente seja a amplitude do conceito, resultando numa definição imprecisa e com algumas controvérsias. Isso porque se entendermos que a literatura afro-feminina se refere às produções de autoria de mulheres negras que agregam a experiência feminina negra ao discurso feminista negro, chegaremos à conclusão de que a expressão não cabe, apenas, às autoras negras brasileiras, como sugere Silva, ao apontar, ao final da definição, “de tradições e culturas africano-brasileiras”. Tal literatura agrega aquelas autoras negras – no

continente africano ou em diáspora – que se utilizam da experiência feminina negra e do discurso feminista negro para elaborar seus escritos.

O exposto nos direciona a acreditar que as autoras negras que se inscrevem na literatura “afro-feminina” são aquelas que, independentemente de serem brasileiras, valem-se de suas experiências, individuais e coletivas, no contexto no qual estão inseridas, acrescidas do discurso feminista negro.

Quando Ana Rita Santiago propõe que haja uma nomenclatura para a literatura produzida por mulheres negras, considerando as características acima elencadas, a estudiosa assume um posicionamento político importante, posto que requer e reconhece, simultaneamente, a necessidade de um teto todo destinado às autoras negras. Ademais, legitima a ideia de que a produção das mulheres negras brasileiras, aqui pensando exclusivamente o Brasil, pois as autoras que nos propomos a estudar estão inseridas neste contexto, têm características que se aproximam da literatura afro-brasileira, porém suas escrevivências⁴ possuem peculiaridades que as tornam singular.

Sobre a (im)possibilidade de amar em Eliane Alves da Cruz e Conceição Evaristo

Num primeiro momento, quando pensamos acerca da possibilidade de falar sobre o amor pareceu-nos um tema um tanto *blasé*. Contudo, quando nos deparamos com texto como o de bell hooks *Tudo sobre o amor* (2021); com o de Livia Natália *Eu mereço ser amada* (2018); e com aqueles que discutem diretamente a solidão das mulheres negras como, por exemplo, a tese de Ana Cláudia Lemos Pacheco intitulada “*Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar*”; *escolhas afetivas e*

⁴ A palavra “escrevivência” foi cunhada pela escritora e intelectual Conceição Evaristo. Trata-se da junção de dois termos “escrita” + “vivência”. Contudo, isso não implica que seja uma mera aglutinação. “Escrevivência” está para além disso. Conceição Evaristo em *A escrevivência e seus subtextos* (2020) apresenta as seguintes considerações sobre o termo em questão: “escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana” (Evaristo, 2020, p. 30).

significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (2008)⁵ e o texto de Táhcita Medrado Mizael, Sarah Carolinne Vasconcelos Barrozo e Maria Helena Leite Hunziker cujo título é *Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura* (2021), nossa perspectiva mudou.

Isso se deve ao fato de que a experiência de vivenciar o amor romântico foi e, por vezes, ainda hoje, é roubada das mulheres racializadas. O roubo em questão e a possibilidade de viver um amor romântico recíproco é, em certa escala, representado na produção literária das mulheres negras brasileiras. Deduzimos que isso ocorre em virtude de a escrita de tais mulheres seres marcadas pela experiência/condição de mulher negra na sociedade brasileira (Evaristo, 2017). Ainda que Conceição Evaristo esteja abordado apenas sobre o seu fazer literário quando realiza a afirmação citada, entendemos que essa concepção pode ser aplicada a produção das mulheres negras, de modo geral. Portanto, interessa-nos, neste momento compreender como é representado o amor romântico vivenciado pelas mulheres negras na literatura afro-feminina.

A fim de atender tal objetivo, elegemos as personagens Eunice e Jurandir, do romance *Solitária* (2022); e Isaltina Campo Belo e Miríades do conto “Isaltina Campo Belo”, presente na antologia de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), com o intuito de demonstrar, a partir de tais narrativas, a possibilidade de mulheres negras vivenciarem a experiência do amor romântico.

Entendemos que não é coerente discutir sobre a experiência do amor romântico vivenciado pelas mulheres negras sem trazer para o debate, ainda que *en passant*, a solidão que elas sofrem. Visto que esses não são, como aparenta ser, dois polos precisamente demarcados. Há, em alguns casos, certa complementariedade, à medida que o amor romântico pode, como ocorre com as protagonistas dos textos literários analisados, preencher a lacuna deixada pela solidão, conforme verificaremos a partir da experiência dos casais Eunice e Jurandir e de Isaltina Campo Belo e Miríades.

O contrário também pode acontecer, após a experiência da possibilidade de vivenciar o amor, no primeiro relacionamento da protagonista de *Solitária* (2022), Eunice, ela é abandonada, relegadas à solidão, ao ser deixada por Sérgio, até então seu companheiro e pai de sua filha. É possível mapear outros casos. Em Conceição Evaristo, por exemplo, no conto “Mirtes Aparecida da Luz”, cuja protagonista dá nome

⁵ A tese em questão foi publicada como livro, com o seguinte título *Mulher negra: afetividade e solidão* (2013), pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA)

ao título do texto, presente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), uma mulher que é deficiente visual que aparentemente vivência um amor recíproco, quando descobre que está grávida é abandonada pelo seu companheiro.

Essas são, apenas, algumas situações que podem ilustrar a discussão proposta. Existem outras narrativas que num primeiro momento são marcadas pelo acolhimento e a esperança de vivenciar um sentimento recíproco e, posteriormente, o abandono. Carolina Maria de Jesus, talvez, seja a autora que represente a solidão imposta às mulheres negras com maior riqueza de detalhes, devido ao fato de ela ser, ao mesmo tempo, autora e personagens de suas obras⁶.

A solidão das mulheres negras, a (im)possibilidade imposta de vivenciar o amor e outros aspectos que dialogam com essas temáticas podem ser verificados na literatura dita hegemônica, como ocorre com a personagem Bertoleza, do romance *O cortiço* (2017), de Aluísio de Azevedo. Se adotarmos uma perspectiva interseccional compreenderemos que isso é resultado de sistemas que organizam a sociedade - dentre eles o racismo, o machismo, entre outros - que conferem às mulheres negras o *status* de "só corpo sem mente" (hooks, 1995, p. 469). Portanto, marcadas por estereótipos, tais como mulata, doméstica e mãe preta, como salientou Lélia Gonzaléz em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984); resultando, por fim, na concepção apontada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (2003, p. 72): "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar".

As narrativas afro-femininas, de modo algum, ignoram a solidão imposta às mulheres negras. Contudo, em muitos casos, elas constroem contranarrativas⁷ que, de uma forma ou de outra, o amor romântico, embora não seja o foco central dos textos, surge como uma possibilidade.

O romance *Solitária* (2022), de Eliane Alves da Cruz, tem como foco central a solidão e a invisibilidade quase que inerente ao trabalho doméstico realizado mormente

⁶ É importante fazer menção de que já há trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a solidão na produção de Carolina Maria de Jesus. Um deles é o trabalho de conclusão de curso de Keila Karina Sousa Martins, sob orientação da professora Doutora Regina Dalcastagnè, cujo título é *Retrato da solidão da mulher negra em "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus*.

⁷ Acreditamos que é importante mencionar que o termo "contranarrativa" é empregado, neste contexto, como uma história alternativa que se contrapõe a oficial. A escrita de autoras e autores negros, em sua maioria, constitui contranarrativas, especialmente, quando se opõe a história única (Chimamanda, 2019), que marca as personagens negras com estereótipos

por mulheres racializadas⁸, aquelas que Lélia Gonzaléz (1984) denominam de “mucamas permitidas”. Nos termos da Gonzaléz, a doméstica, sobretudo pensando a racializada, “nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega suas famílias e a dos outros nas costas” (Gonzaléz, 1984, p. 230).

O romance retrata a vida de Eunice, uma empregada doméstica que presta serviços a uma família de classe média e que vive com Mabel, sua filha, num quartinho da casa: aquele destinado às mucamas permitidas. Há inúmeros aspectos que merecem certa atenção, contudo vamos nos deter a (im)possibilidade de vivenciar o amor, refletindo especialmente, sobre Eunice.

Apesar de Eunice trabalhar e viver na casa dos patrões, mais especificamente, em um quarto de empregada, ela tem um marido, Sérgio, o pai de sua filha Mabel. O homem em questão representa a impossibilidade de viver plenamente o amor romântico pela personagem. Num primeiro momento, há indício de haver reciprocidade afetiva. Contudo, conforme relata Eunice toda a esperança de viver os sonhos que ela sonhara com ele foram ficando no passado:

Eu sonhava junto com ele, mas, assim como os meus estudos, os planos foram ficando no passado. Quando alguém me pergunta se aconteceu alguma coisa grave, digo que sim e não. Não aconteceu nada, e não acontecer nada era grave. Sei lá por que todo mundo acha que tragédia acontece de repente. Um pântano cheio de mosquito pode ser mais terrível que a água de uma chuva forte. Os anos iam passando e nada acontecia. A vida parecia parada no tempo para nós, e aos poucos fui achando impossíveis todos aqueles sonhos. Sérgio também. Ele então foi mergulhando na bebida. Era estranho... parecia que ele estava sempre dizendo tchau para si mesmo, se despedindo (Alves, 2022, p. 71).

O encontro de Sérgio com a bebida resultou, conforme é possível observar, num desencontro consigo e, além disso, intensificou o distanciamento do casal. Isso se evidencia quando Eunice, ao narrar sua relação com Sérgio, num tom quase confessional, declara: “eu morria de medo do que poderia acontecer, porque meu

⁸ Tal assertiva se torna coerente, quando nos deparamos com os dados relacionados às trabalhadoras domésticas no Brasil. O estudo apresentado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – IBGE -, afirma que as mulheres representam 92% das pessoas que se dedicam ao trabalho doméstico, das quais cerca de 65% são negras. Complementando em números, em 2021, eram 3,4 milhões de mulheres negras no trabalho doméstico, enquanto as não racializadas perfaziam 1,8 milhões, segundo Pedro Rafael Vilela, repórter da Agência Brasil (2022).

marido era uma pessoa boa, uma pessoa até doce, mas se transformava quando bebia” (Alves, 2022, p. 72).

O sentimento que no início do relacionamento era de “possibilidade de sonhar juntos”, vai se diluindo diante da embriague e converte-se em medo das violências físicas as quais ela era vítima quando o companheiro estava embriagado: “eu sentia a dor de todas as vezes em que as mãos dele se ergueram para me alcançar, *como se me bater por qualquer contrariedade resolvesse, acalmasse alguma coisa dentro dele*” (Alves, 2022, p. 72). Ou nos momentos em que ela era vítima de extorsão, sendo coagida por Sérgio a entregar parte das economias: “meu pai saiu a muito custo, cambaleando e levando boa parte do dinheiro que minha mãe tinha juntado para comprar os remédios da minha avó. [...] Aonde iria àquela hora, levando um dinheiro tão suado e necessário?” (Alves, 2022, p. 33).

Conforme havíamos mencionado, as autoras negras, em muitos casos, aqui pensando a partir de Eliane Alves da Cruz, mais especificamente a obra *Solitária*, não se esquivam de falar das inúmeras violências as quais as mulheres negras são vítimas. Contudo, elas rompem um pacto tácito presente na literatura hegemônica que representa o amor romântico como uma impossibilidade para as mulheres racializadas.

O amor como uma possibilidade para Eunice ocorre, em especial, quando ela percebe o empenho de Jurandir, o porteiro do prédio que ela trabalha, em conquistá-la. Estamos diante de uma escrita que se inscreve como uma contranarrativa, portanto, não cabe nela enxergar mulheres e homens negros apenas sob um viés, aquele que corrobora a imposição de estereótipos a essa parcela da sociedade. Outros olhares são passíveis de acontecer.

Jurandir é um homem negro, todavia não dialoga com os estereótipos conferidos aos homens negros numa sociedade racista que, de forma sistemática, os enxerga como “indivíduos exóticos, irracionais, fetichistas, bárbaros, incivilizados, dentre outros adjetivos, classificações e juízos de valores de grande teor etnocêntrico e, sobretudo, racista” (Santos, 2014, p. 8). Ele é um homem negro trabalhador, pai solo de dois meninos que conquista, de forma gradativa, a simpatia de Mabel ao ponto de ela declarar “— Tudo o que eu queria era que meu pai tomasse conta de mim assim, como o senhor faz com os meninos” (Alves, 2022, p. 79) e o amor de Eunice.

Após ser abandonada por Sérgio, as gentilezas constantes de Jurandir passam a chamar atenção de Eunice. O afeto, cuidado, carinho e o amor que sempre foram sentimentos pouco vivenciados pela personagem, tornam-se passíveis de serem

vividos. Num primeiro momento, por meio da amizade e, posteriormente, através de um namoro que culmina num pedido de casamento.

Tal pedido acontece num dia de comemoração, após Mabel, filha de Eunice – a empregada doméstica negra –, receber a notícia da aprovação no vestibular numa universidade pública para o curso de medicina. Elas juntamente com Jurandir e seu filho, Cacau, foram comemorar no “Forró do Lalau”. À época, Eunice já era Nicinha para Jurandir, que no forró “se ajoelhou, tirou um anel do bolso e pôs no meu dedo. Nem perguntou se eu aceitava!” (Alves, 2022, p. 79).

A atitude Jurandir não só leva Eunice a aceitar o pedido, mas contribui para que ela tome algumas decisões em sua vida, conforme é possível observar na narrativa:

Jurandir me beijou como havia muito tempo ninguém me beijava. Ele me acariciou o corpo e disse algo que me fez chorar: “Eu te amo, Nicinha”. Pensei que nunca mais ouviria alguém me dizer isso. Senti uma energia que vinha de debaixo do barro do chão. Não da pista onde se dança, mas daquela que moldava nosso coração. Foi o combustível mais importante para que eu finalmente tivesse coragem de ouvir o conselho de mamãe antes de morrer: “E você, Eunice, não acha que está na hora de cuidar de sua vida?” (Alves, 2022, p. 79).

Diante desse fragmento, a discussão acerca do amor proposta por bell hooks em *Tudo sobre o amor* (2021), torna-se ainda mais coerente, pois nos faz enxergar, com base nas ações de Eunice, que o amor pode ser construído gradativamente. Todavia, é preciso que haja a associação de carinho, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta (Silva, 2021), elementos presentes na relação de Eunice e Jurandir.

Diante do exposto, podemos constatar que a solidão permeia a vida de Eunice, bem como as violências impostas dado o fato de ser mulher negra numa sociedade racista, machista e marcada pela opressão de classe. Tais violências, tanto aquelas praticadas de forma velada no trabalho quanto as perpetradas por Sérgio levam a personagem à desesperança, a priori, de conquistar uma vida digna e, por conseguinte, a percepção de ela não conseguem se compreender como uma pessoa digna de amor. Contudo, após Jurandir conquistar Eunice e ela vislumbrar a possibilidade de um amor recíproco, como apontou a personagem, tal sentimento se converte em combustível que a impulsiona para mudanças.

O amor como uma possibilidade se manifesta não só em *Solitária*. As escrevivências evaristianas dialogam com as considerações que fizemos até o presente

momento. Evidenciamos que ao discutir o amor romântico não pretendemos romantizar as relações presentes nas narrativas, embora corramos o risco de em um momento ou outro isso acontecer. Empenhamo-nos em fugir da história única reiterada, em muitos casos pela literatura hegemônica, que relega as personagens femininas negras à solidão, ao abandono. Enveredar pela literatura afro-feminina é uma das formas que se torna possível ouvir outras histórias.

A partir desse momento discutiremos sobre “Isaltina Campo Belo”, um dos treze contos que constitui a obra *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016). A presença das mulheres negras é latente nessa obra. Isso é possível perceber quando nos deparamos com uma narradora negra que em suas andanças, busca histórias de outras mulheres negras. Ademais, vale registrar que todos os contos têm como protagonistas mulheres negras que dão nome aos textos, sendo eles: Amarides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino, Regina Anastácia.

Embora Conceição Evaristo já viesse demonstrando que seu projeto literário-estético-político está intimamente ligado ao protagonismo das mulheres negras e ao mesmo tempo comprometida em mostrar a multiplicidade dessas mulheres, em *Insubmissas Lágrimas de mulheres* isso se torna ainda mais notório, posto que temos mulheres negras que são bem-sucedidas, separadas, mães, mães solas, velha, lésbica, artista, cega, entre outras. Apesar de serem múltiplas, com características que as individualizam, há um ponto de encontro entre todas elas: as violências que atravessam suas vidas.

Apesar de haver violências, existe amor. Em alguns casos o amor-próprio; em outros o amor destinado aos filhos; em muitos outros a constituição de uma confraria de mulheres negras; e, além disso, o amor romântico. Ainda que reconheçamos a importância de falar sobre cada um deles, iremos nos limitar a abordar sobre o amor romântico, tendo como *corpus* o conto “Isaltina Campo Belo”. Em *Solitária* temos um amor cisgênero heterossexual vivido por Eunice e Jurandir. Já no conto “Isaltina Campo Belo” temos o amor entre duas iguais, Isaltina Campo Belo e Miríades, duas mulheres negras lésbicas.

Se o amor para as mulheres negras cisgêneras heterossexuais é apresentado na literatura hegemônica como uma impossibilidade, conforme pontuamos ao longo do texto, quando pensamos as mulheres negras cisgêneras lésbicas é como se o

sentimento em questão não existisse. Isso se deve, entre outros elementos, ao apagamento dessas mulheres na literatura, uma espécie de higienização. Se não existem mulheres negras cisgêneras lésbicas representadas, logo, não há como e porque discutir sobre elas. Desse modo, podemos compreender que essa parcela da sociedade não só é impelida à margem, mas ao apagamento/esquecimento.

Conceição Evaristo em suas escrituras elabora, assim como fez Eliane Alves da Cruz, contranarrativas. Seu projeto estético-político-literário embasado na perspectiva interseccional reconhece as mulheres negras, em sua multiplicidade. As lésbicas que foram sistematicamente “apagadas/esquecidas” na/pela literatura hegemônica ganham certo espaço nas escrituras evaristinas (Ramos, Almeida, 2021; Ramos, Almeida, 2023). Elas estão presentes, por exemplo, em *Olhos d’água* (2016), nos contos “Luamada” e “Beijo na face”; *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), no conto “Isaltina Campo Belo”; e no romance *Canção para ninar menino grande* (2018).

Conforme apontamos, dedicaremos a pensar acerca do conto “Isaltina Campo Belo”. Assim como Eliane Alves da Cruz, Conceição Evaristo não se exime de expor as violências as quais mulheres negras são vítimas. No conto em questão a autora acrescenta ao debate a heterossexualidade compulsória e, por esse motivo, faz-se necessário elaborar algumas reflexões sobre essa temática. Para isso, tomaremos como base as considerações de Adrienne Rich em *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (2012). A autora ao tratar sobre a questão, evidencia que a heterossexualidade compulsória age como um mecanismo de imposição cultural e sexual da heterossexualidade como uma norma universal, portanto, natural e inevitável.

A perspectiva interseccional nos permite reconhecer os impactos estabelecidos em virtude do diálogo entre a heterossexualidade compulsória, o sexismo e o racismo, elementos que impõe às mulheres negras estereótipos relacionados a hipersexualização, sobretudo aquelas lidas socialmente como mulatas. Isso se materializa no conto em análise, no seguinte fragmento: “[...] que tinha certeza de meu fogo, pois afirma, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (Evaristo, 2016, p. 64).

A fim de demonstrar que o conflito de identidade de gênero de Isaltina Campo Belo não tinha fundamento, o rapaz não nomeado que ela estava conhecendo e já depositava certa confiança, a ponto de confidenciar a ele que: “Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim” (Evaristo, 2016, p. 64), ou seja,

num primeiro momento ela julgava não corresponder a identidade de gênero que lhe fora designado ao nascer. Ele, com o intuito de ensinar Isaltina Campo Belo a ser mulher, num ato violento, juntamente com cinco homens, praticam um estupro coletivo e corretivo:

Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo; diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher (Evaristo, 2016, p. 64)

Conceição Evaristo com o seu brutalismo poético não deixa de expor as violências. Além do trauma deixado pelo estupro coletivo e corretivo que Isaltina Campo Belo foi vítima, resultou numa gravidez que só foi percebida no sétimo mês de gestação. Apesar de tudo, a personagem não deixou, em momento algum, que o estupro que fora vítima interferisse na relação e no amor entre ela e a filha, Walquiria.

Na narrativa a filha se torna o elo entre Isaltina Campo Belo e aquela que seria o amor de sua vida, a professora de Walquiria, Míriades. A professora ocupa papel importante na narrativa não só por dissipar as dúvidas de Isaltina Campo Belo acerca do conflito de identidade de gênero, mas por corroborar na compreensão de que ela era uma mulher que podia desejar sua semelhante e viver um amor recíproco:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (Evaristo, 2016, p. 66 – 67).

Ter personagens lésbicas negras num contexto em que elas são apagadas na/pela literatura hegemônica é, sem dúvidas, importante. Elaborar personagens lésbicas negras que buscam suplantar as dores causadas pelas violências que foram vítimas, é de um valor inestimável. Ter na literatura personagens lésbicas negras que vivenciam o amor, leva-nos à compreensão de que condigno o lugar ocupado por Conceição Evaristo no cenário literário contemporâneo, pois a autora apesar de ter textos marcados pelo brutalismo poético, institui humanidade aquelas que foram lidas como corpos sem mentes, vislumbrando, assim, a possibilidade de um amor que encontra “pouco no barraco e no coração” (Evaristo, 2017), como é evidenciado ao final do conto: “[...] e todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida,

Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve” (Evaristo, 2016, p. 67).

Considerações finais

A literatura dita hegemônica se ocupou e, por vezes, ainda se ocupa em retroalimentar as representações estereotipadas das mulheres negras. Enquanto isso, a escrita de mulheres negras, que denominamos de afro-feminina, empenha-se em elaborar contranarrativas que combatem esse imaginário.

Sem deixar de lado as violências que marcam a vida das mulheres negras, autoras como Eliane Alves Cruz e Conceição Evaristo, empenham-se em desconstruir os estereótipos e, além disso, humanizar as mulheres negras, apresentando-as como pessoas que, apesar de ter momentos de solidão, têm a oportunidade de vivenciar um amor recíproco.

Há muito o que se discutir sobre o abandono, a exploração, as violências praticadas contra as mulheres negras, uma vez que tais elementos são recorrentes na produção literária afro-feminina. Contudo, é preciso olhar e perceber que, num momento ou outro, embora não seja o foco central das narrativas produzidas por mulheres negras, em muitos casos, a possibilidade de um amor romântico que seja recíproco se desponha, como ocorre nos textos aqui analisados.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AZEVEDO, Aluisio de. *O cortiço*. e-galáxia, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 26, p. 13-71, 2005.
- DE SOUZA SANTOS, Lívia Maria Natália. Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina. *A cor das letras*, v. 12, n. 1, p. 105-124, 2011.
- Duarte, Eduardo de Assis. (2011). Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (31), 11–23.
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Editora Unipalmes, São Paulo, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2016.

- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 481 ed. rev. — São Paulo: Global, 2003.
- GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. Autêntica, 2018.
- HOOKEs, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, 3 (2), 464-478, 1995.
- HOOKEs, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Editora Elefante, 2021.
- MARTINS, Keila Karina Sousa. *Retrato da solidão da mulher negra em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016.
- MIZAEL, Táhcita Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021.
- NOGUEIRA, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2008.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Edufba, 2013.
- RAMOS, Celiomar Porfírio. *As múltiplas faces das mulheres negras: um olhar interseccional sobre as escrevivências de Conceição Evaristo*. 2022. 289f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2022.
- RAMOS, Celiomar Porfírio. *Corpos que (não) importam: o acesso e a permanência de travestis, mulheres e homens transgêneros na UFMT*. 2024. 112f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, 2024.
- RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. A lesbianidade negra em Conceição Evaristo: Isaltina Campo Belo. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, n. 35, 2021.
- RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. O processo de ampliação da concepção de “mulheres negras” na produção de Conceição Evaristo. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 16, n. 44, 2023.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. *Universitas Humanas*, v. 11, n. 1, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVIA, Silvana. A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade. In: HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Editora Elefante, 2021.

VILELA, Pedro Rafael. Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas: maioria recebe menos que um salário-mínimo e não tem carteira assinada. *Agência Brasil*. Disponível em: https://abre.ai/k0c6_ Acesso em: 22 jun. 2023.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Antofágica, 2022.